

NEWS

2026, o ano dos humanoides

Seis perguntas e respostas sobre o ano de viragem dos robôs humanoides.

28 de junho de 2026, Tobias Engl



Porque se chama a 2026 o ano dos humanoides?

Porque várias evoluções amadurecem ao mesmo tempo. O hardware aproxima-se da aptidão para o uso quotidiano, o capital flui em grande escala e a escassez de mão de obra torna a sua utilização urgente. Acima de tudo, é a inteligência artificial que impulsiona a mudança. A pergunta inverteu-se: já não é se os humanoides funcionam, mas a que velocidade se vão difundir. 2026 é o ano em que o setor passa da demonstração à entrega.

Em que ponto está hoje a tecnologia?

Os humanoides modernos já não são máquinas programadas de forma rígida. Percecionam ambientes complexos, tomam decisões em tempo real e aprendem com a experiência. Nas fábricas, já asseguram a triagem de peças ou o manuseamento de células de bateria. Isso é possível graças à conjugação de uma elevada capacidade de processamento a bordo com grandes modelos de aprendizagem, os sistemas Vision-Language-Action.

O que muda a partir deste ano?

As quantidades. Um fabricante de automóveis anunciou que vai colocar mais de 25.000 robôs humanoides nas suas fábricas, a maior encomenda do gênero até à data. Os produtores convertem as linhas de fabrico para produção em série, um fornecedor chinês fabricou em poucos meses o seu décimo milésimo robô e os primeiros aparelhos entram em casas particulares. Para 2026 esperam-se cerca de 90.000 entregas, com tendência acentuadamente crescente. Ao mesmo tempo, o preço cai: de mais de um milhão de dólares em 2020 para menos de 100.000 hoje.

O que conseguem fazer e onde estão os limites?

Numa fábrica estruturada, trabalham de forma fiável e sem fadiga. Duas coisas ainda precisam de algum tempo: a destreza fina da mão e a segurança em espaços desarrumados. Uma sala de estar é mais difícil de dominar do que uma linha de produção. O último passo rumo à fiabilidade no dia a dia está a ser dado neste momento; há quem fale no momento GPT-2.5 da robótica.

O que está em desenvolvimento e o que será possível em breve?

O roteiro é previsível: até 2028, pilotos industriais mais alargados com execução semiautónoma; depois, utilizações comerciais na logística e nos serviços; na década de 2030, uma autonomia crescente também em ambientes abertos. Em paralelo, surgem normas de segurança e certificações, e os modelos de base universais para robôs aprendem a funcionar em diferentes corpos.

Que potencial oferecem e onde se posiciona a ScreenWay?

O potencial é grande, porque os humanoides são construídos para um mundo que já foi feito para pessoas: escadas, portas, ferramentas. Numa primeira fase, vão complementar as equipas, sobretudo onde o discernimento e a proximidade contam. O sucesso decide-se pela aceitação, e a aceitação nasce da segurança e da compreensibilidade. É precisamente aqui que a ScreenWay intervém: como camada neutra que mostra o que o robô está a fazer, o torna acessível ao diálogo e o integra no espaço em que se encontra. Os dados ficam locais, o comando permanece protegido.

ScreenWay – uma marca da Bergx2 GmbH, Munique. Bergx2 GmbH, desde 1998. Perguntas e respostas · Atualizado em junho de 2026